

Citibank elege "chairman" que sucederá W. Wriston

Hoje, em Nova Iorque, na sede da empresa, haverá eleições para a presidência do Conselho de Administração do Citibank, o maior credor do Brasil. O atual presidente do banco, que exerce o cargo há cerca de 10 anos, Walter Wriston, se aposentará em agosto deste ano e, por isso, está sendo substituído.

Concorrem ao cargo de presidente da grande instituição financeira norte-americana três vice-presidentes (vice-chairman) do Conselho de Administração: Thomas Thobald, John S. Reed e Hans H. Angermeier. Participarão da votação 23 conselheiros, entre os quais o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen.

Não se trata apenas de uma eleição interna do banco, de pouco interesse para a comunidade financeira internacional, porque, com uma nova orientação nos quadros do Citibank, existe a possibilidade de que novos rumos sejam dados à negociação das dívidas externas dos países devedores da América Latina, entre os quais o Brasil, que tem sido assessorado diretamente pelos dirigentes deste banco, na elaboração dos planos de financiamento anuais da dívida externa do país.

Walter Wriston é um banqueiro muito criticado por suas posições conservadoras no tocante à negociação das dívidas dos países latino-americanos. Sua substituição, portanto, do ponto de vista do diretor de um banco de investimento estrangeiro, com representação no Brasil, pode ser "decisiva" para as conversações que se iniciam em setembro deste ano, referentes ao financiamento da dívida brasileira de 1985.

No livro do jornalista norte-americano Anthony Sampson, *The Money Lenders* (Os emprestadores de dinheiro), Wriston é responsabilizado pela crise atual no mercado financeiro internacional. Sampson narra que, em duas ocasiões, o presidente do Citibank (chairman) impediu que a questão da reciclagem dos superávits dos países

produtores de petróleo fosse feita por instituições financeiras internacionais.

Em 1977, quando um subcomitê do Senado americano tratou do assunto, ou seja, analisou como deveria ser feita a transferência dos recursos dos países produtores de petróleo para os países em desenvolvimento, Wriston depôs no Senado e defendeu a continuidade do *status quo* vigente, tendo dito que os bancos internacionais é que deveriam continuar a realizar a reciclagem dos recursos dos países árabes, sendo que o Citibank manteria a posição de líder dos demais bancos internacionais, nesse processo.

Em 1980, novamente Wriston defendeu os bancos, quando o presidente do Banco Mundial, Robert Macnamara, solicitou à Comissão Brandt, presidida pelo ex-Chanceler da Alemanha, Willy Brandt, um estudo dos efeitos do esquema que vinha sendo empregado para a reciclagem dos petrodólares sobre a saúde do sistema financeiro internacional.

Wriston manteve a posição de que somente os bancos privados é que deveriam fazer o repasse dos petrodólares, apesar de a Comissão Brandt ter concluído que dessa forma o sistema financeiro internacional corria um grande risco.

Enquanto o processo de reciclagem deu certo, e ainda não havia se iniciado a crise no mercado financeiro internacional — que explodiu com a moratória do México em agosto de 1982 — Walter Wriston foi considerado um verdadeiro "mago das finanças" internacionais. Apesar da crise, ele vem mantendo as mesmas posições quanto à falta de necessidade de reformas mais profundas no sistema, até hoje, esperando por sua aposentadoria. Por isso é que existe a expectativa de que com sua saída, em agosto deste ano, o Citibank e os outros bancos internacionais possam vir a atuar de forma mais favorável aos países devedores.

CECÍLIA COSTA